

Alberto Calbe- funcionário do AHM

15 anos de serviço em matéria arquivista

Nasceu aos 23 de Novembro de 1969 e iniciou a sua actividade laboral no dia 1 de Outubro de 1995, afecto ao Departamento de Arquivos Permanentes na Secção dos Arquivos Centrais, onde aprendeu a fazer o tratamento de documentos na fase Permanente, no que concerne à identificação, classificação, ordenação em secções e a produção do inventário. Trata-se de documentos com um valor histórico e probatório. Nesta Secção, os documentos são provenientes de instituições com o poder central, como é o caso dos Ministérios, Instituto do Algodão e Empresas Públicas na actualidade.

Evolução técnica profissional

No âmbito da evolução técnica e profissional, Alberto Calbe refere que, frequentou um curso de capacitação profissional na área de documentação em 1995, o qual foi leccionado pela Dra Vanda do Amaral, dr. Mauel Lemos, Prof. Ana Maria Camargo (de nacionalidade brasileira – consultora do AHM na época). O curso permitiu-o que tivesse noções e habilidades no exercício da função como documentalista. Tinha o nível básico e em 1998 começou a proceder o atendimento ao público (estudantes e investigadores).

Biarquivo: Quais são os acontecimentos de destaque ao longo destes anos?

Ao longo destes anos tive oportunidade de prestar serviços a vários investigadores de entre os quais se destaca o Professor Dr. Isaac Man que no fim da sua pesquisa em Moçambique fez questão de agradecer a minha colaboração no que concerne aos serviços prestados.

Outro momento mais marcante neste período foi o facto de colaborado activamente com a Dra Maria no desenvolvimento de um trabalho sobre o registo de nascimentos, casamentos e óbitos das paróquias e registos de administração civil. Este trabalho serviu de base para actual estrutura para recuperação de dados sobre os diversos registos dos cidadãos.

Biarquivo: Alberto Calbe Jaime, é funcionário do AHM há muitos anos. Como pensa em partilhar a sua experiência profissional com outras pessoas que aderem à carreira documental?

Ainda sobre este assunto, o AHM, concedeu-me uma bolsa de estudo em 2001 no Instituto de Ciências documentais CIDOC onde concluí o nível médio em 2003.

A experiência adquirida neste instituto, ampliou a minha visão em matéria arquivística e noutras áreas como a biblioteconomia e museologia.

Em 2003, participei no I Seminário Nacional de Arquivos, Bibliotecas e Museus, no qual participaram técnicos da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP) e apresentei um paper com uma reflexão sobre a integração dos cursantes nas instituições após formação no Instituto de Ciências Documentais. No âmbito da análise feita, concluí que apesar de todas as dificuldades, a ciência documental já se fazia sentir no Estado Moçambicano, embora muitos estudantes do CIDOC, pós-formação, direccionavam para os serviços de Biblioteca e muito poucos para área de arquivos e museus.

A partir de 2005, decidi, prosseguir os estudos no ensino superior, candidatei-me à UEM, onde fui admitido para o curso de História em 2006 como primeira opção por ser o curso que se enquadra na área de documentação.

Em 2008 fui nomeado chefe de Arquivos Centrais, em Substituição do Sr. Bendo Nhaca que reformou em 2007 e Actualmente desempenho a função de Chefe do Departamento.

Tenho tido oportunidade de partilhar a minha experiência no meu Departamento em várias ocasiões porque, periodicamente sou indicado para orientar estagiários, estudantes do curso de História da UEM e de outras instituições, em matéria arquivística.

Biarquivo: Quais são as suas perspectivas?

Tenho como perspectiva prosseguir com estudos de pós-graduação em História e Arquivologia. Não tenho intenção de estudar fora de Moçambique e gostaria que a nível interno, fossem desenvolvidos esforços para a abertura de cursos de Mestrado nestas áreas.

Família e tempos livres?

Eu sou muçulmano, casado, fiz um casamento religioso (Nicaí) com a senhora Lucinda Naleve e tenho como perspectiva contrair um casamento civil.

Nos tempos livres, levo a família para Xai-Xai onde vive o meu pai e passo também com amigos e visito outros parentes.

Gosto muito de futebol, assisto competições internacionais na TV e sou adepto do Benfica de Portugal e a nível nacional sou adepto do Costa de Sol.



Confraternização entre a direcção e os trabalhadores do AHM

A direcção do AHM após um ano de trabalho e balanço das actividades realizadas, ofereceu um almoço de confraternização aos seus trabalhadores por ocasião do final do ano na Fortaleza.



Direcção e os funcionários do AHM durante a festa de confraternização.

Ficha Técnica

Biarquivo

Boletim Informativo do Arquivo Histórico de Moçambique TRIMESTRAL - Edição No 04 Ano 2009

Director

Joel das Neves Tembe

Editor

Gil Filipe

Revisão

Joel das Neves Tembe

Coordenador

Rafael Nharreluga

Redacção

Lídia Furvela

Maquetização

Bartolomeu Daniel Cuamba

Fotografias

Arquivo Histórico de Moçambique

Visite a página do AHM:

<http://www.ahm.uem.mz>

E-mail: ahm@uem.mz



BI Arquivo

Boletim Informativo do Arquivo Histórico de Moçambique

Ano 2009 • Edição 4 • Outubro - Dezembro 2009 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



EDITORIAL

Septuagésimo quinto aniversário do AHM

Esta é 4ª edição de 2009 do Biarquivo, que sai num momento caracterizado pela efervescência arquivística provocada pela expansão da produção documental associada ao uso intensivo das novas tecnologias de informação e comunicação, o Arquivo Histórico de Moçambique realizou o seminário dedicado aos desafios da gestão arquivística na era digital em comemoração ao seu septuagésimo quinto aniversário de existência como instituição arquivística de âmbito nacional.

A gestão arquivística na era digital e as suas abordagens constitui um desafio tanto para os organismos produtores dos documentos quanto para os profissionais ligados à gestão da informação arquivística em seus diferentes contextos e contornos. O desafio situa-se na complexidade e a abrangência dos aspectos técnicos e sócio-profissionais inerentes à problemática da gestão arquivística no actual ambiente moldado pelas tecnologias de informação e comunicação.

A realização do seminário tem como objectivo principal discutir a problemática da gestão arquivística, em busca da actualização das facilidades e serviços de arquivos e tendo como base as práticas e a inovação na área da Arquivística.

Em prol dos temas em debate nomeadamente a "Carta aos documentalistas vindouros"; O controlo da Circulação e Recuperação dos Documentos nos Arquivos Municipais; O governo electrónico em Moçambique: uma reflexão sobre políticas públicas de informação; Transição para suportes digitais: um adeus ao primitivo; Projecto de tradução e digitalização de manuscritos árabes do Norte de Moçambique no AHM; Microfil e a digitalização de documentos em Moçambique, foram abordadas questões sobre a sistematização de arquivos, incluindo o papel dos arquivos e a sua relação com a memória institucional.

Ainda nesta edição, a participação do AHM no Fórum dos Arquivos Nacionais da CPLP em Lisboa e considerações sobre a situação do Arquivo Histórico pelo investigador Aurélio Rocha. Encontre, caro leitor, informação mais detalhada sobre estes e outros temas que o AHM traz nesta edição do "Biarquivo".



Nesta edição

A longevidade de um "velho" que clama por maior atenção.....2

AHM é uma instituição com desafios a seguir.....3

Seminário dedicado aos desafios da gestão arquivística na era digital.....4

A participação do AHM na V Reunião do Fórum dos Arquivos Nacionais da CPLP.....7

7 DE ABRIL

A longevidade de um “velho” que clama por maior atenção

Dir-se-ia, se estivessemos a tratar de um humano, que é um velho que completa 75

país pelo tempo. No entanto, apesar



António Sopa

dessa lucidez – e n t e n d a - s e capacidade de providenciar a mais diversa informação sobre a História e outros campos da vida de Moçambique – o AHM é uma instituição que clama por uma maior atenção principalmente no que se refere a condições para o armazenamento do espólio que guarda. O velho edifício-sede, na avenida Filipe Samuel Magaia,

comportou durante vários anos várias secções da instituição e gerações de documentos, que se foram deixando marcar pelos efeitos do tempo. O espólio documental é o que mais preocupa à sociedade, sobretudo a comunidade académica, que entende o risco que as infiltrações de água, a humidade e outras anomalias na estrutura do edifício causam aos documentos. Por causa de factores como estes o Arquivo transferiu parte dos documentos e biblioteca para outras instalações, inauguradas o ano passado, na baixa da cidade de Maputo. O documentalista António Sopa, um dos profundos conhecedores do AHM, explica que estas medidas “são as possíveis”,

pois o ideal seria a instituição ter novas instalações, ideais para a conservação e gestão de documentos. “Seria importante termos instalações mais condignas, porque estas definitivamente, pelo estado em que se apresentam, são agora inadequadas para o funcionamento do AHM”, afirma.

TEM QUE SE PERCEBER MAIS A IMPORTÂNCIA DO ARQUIVO

O AHM está hoje mergulhado num manto de problemas, que não se resumem apenas à falta de instalações ou às dificuldades que vêm se registando na gestão de documentos. Segundo António Sopa é também problema a falta de percepção que a sociedade vem mostrando sobre a importância de se ter um arquivo nacional com a dimensão do AHM.

“Devia-se, na minha opinião, prestar mais atenção ao nosso arquivo. Por exemplo, nem todas as instituições entendem que estarão a contribuir para a memória colectiva dos moçambicanos se nos fornecerem documentação como deve ser, respeitando periodicidades, etc. O que acontece é que nem todas as instituições, públicas por exemplo, fornecem-nos documentação. Por outro lado, os usuários dessa e de outra vasta informação que temos, os utentes da nossa biblioteca, têm concorrido para que o nosso acervo se apresente incompleto, rasgando livros, jornais ou outro material, esquecendo-se que se trata de documentos que muitas gerações precisarão”, conta.

Historial do Arquivo Histórico de Moçambique

O Arquivo Histórico de Moçambique foi criado pela Portaria 2267, de 27 de Junho de 1934, ligado à biblioteca da Repartição Técnica de Estatística com a missão de reunir alguns arquivos dispersos e organizar uma coleção bibliográfica sobre Moçambique. Em 1939 o Diploma Legislativo especifica mais as suas funções tornando-se “Instrumento da Cultura Histórica” e “Arquivo do Governo da Colónia. Em 1957, o então Ministério do Ultramar e da Educação Nacional, através do Decreto-Lei 41.472 determina a transferência de sua dependência para os Serviços de Instrução. No ano seguinte, o Decreto 42.030 reafirma a sua importância como

Arquivo Geral e Depósito Legal da Província. O Decreto-Lei 26/76, de 17 de Julho de 1976, liga administrativamente o Arquivo Histórico de Moçambique à Universidade Eduardo Mondlane. Nos anos que se seguiram, sob a nova tutela, esta instituição definiu como prioridade, criar as infra-estruturas indispensáveis e recolher, em todo o país e a todos os níveis, a documentação colonial até à data da independência nacional. O Diploma Legislativo 90/71, de 21 de Agosto de 1971, tornou o Arquivo Histórico de Moçambique, beneficiário de parte do Depósito Legal do país. Em 1992, o Decreto 33/92, de 26 de Outubro, instituiu o Sistema Nacional de Arquivos

em que o Arquivo Histórico de Moçambique assumiu o papel de órgão central do mesmo, cujas atribuições dentre outras eram de definir as políticas de gestão e preservação da memória nacional, não só produzida a nível local, como também de outras fontes externas de interesse nacional. Em 2007, é instituído o Sistema Nacional de Arquivos de Estado (SNAE), pelo decreto 36/2007, de 27 de Agosto, o qual revoga o decreto 33/92 do Sistema Nacional de Arquivos. No âmbito da nova legislação, o Ministério da Função Pública assume a função coordenadora, sendo o Arquivo Histórico de Moçambique seu assessor técnico.

A participação do AHM na V Reunião do Fórum dos Arquivos Nacionais da CPLP

Entre os dias 23 a 27 de Novembro de 2009, realizou-se a V Reunião do Fórum dos Arquivos nacionais da CPLP nas instalações do Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Portugal em Lisboa. Este Fórum, incluía a reunião bi-anual dos directores e um seminário internacional aberto ao público e foi subordinado ao tema “Partilha do Património Arquivístico Comum”. Os directores dos arquivos nacionais membros do Fórum, tiveram sessões de trabalho na cidade de Porto, no Arquivo Municipal e no Arquivo Distrital e uma visita ao Museu Fotográfico de Portugal na mesma cidade.

Participaram no Fórum os directores dos Arquivos Nacionais da CPLP e foi eleita uma nova direcção tendo como Presidente o Director do Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde, Doutor Humberto Lima e na Vice-Presidência foi reconduzido Angola, mantendo-se o Secretariado Executivo a cargo da Doutora Ana Cannas, Directora do Arquivo Histórico Ultramarino. Recorde-se que o mandato anterior fora assumido por Portugal (2005-2007) que substituiu Moçambique (2003-2005).

A sessão do encerramento da V Reunião do Fórum coincidiu com a reunião da COLUSO (Programa de parceria entre Brasil e Portugal), foi dirigida pelo Secretário de Estado de Cultura em Portugal. Na ocasião o dirigente português fez a entrega simbólica ao Director do Arquivo Histórico, nomeadamente o Prof. Doutor Joel das Neves Tembe, de um conjunto de cerca de 70mil documentos digitalizados pelo Arquivo Nacional da Torre de Tombo sobre os Serviços de Centralização e Coordenação de Informações de Moçambique (SSCIM) e de alguns processos da ex-PIDE/DGS, relativos a Moçambique, no âmbito da

parceria entre os dois países e o projecto ALUKA/JSTOR dos EUA.

No que concerne às actividades desenvolvidas, a reunião foi marcada por uma agenda em torno do tema do evento, a partilha do património Arquivístico Comum. Para além da revisão e aprovação da Acta da IV Reunião do Fórum, foi passada em revista a situação dos arquivos em cada país, identificando as acções desenvolvidas e dificuldades enfrentadas desde a realização da última reunião em 2007. O ponto central da reunião foi a aprovação dos Estatutos do Fórum e a elaboração de um plano de acção para o próximo biénio. O Fórum, reconheceu as grandes dificuldades que

a maioria dos países membros ainda enfrentam no domínio institucional, recursos humanos, infra-estruturas, equipamentos e orçamento de funcionamento e enalteceu os esforços desenvolvidos no âmbito da cooperação bilateral entre Portugal e Brasil com alguns membros no domínio técnico-profissional e institucional.

O programa do Seminário foi contemplado com duas intervenções especializadas na área da arquivística abordando experiências sobre a utilização das fontes pelos investigadores nos diferentes arquivos da comunidade dos países falantes de língua portuguesa, incluindo experiências de parcerias entre os arquivos e as universidades. Também realizou-se um painel constituído por todos os directores nacionais dos arquivos da CPLP que partilharam experiências sobre a partilha do património.

No âmbito da formação, legislação arquivística, aplicação das novas tecnologias de informação e comunicação, digitalização vs microfilmagem e desafios de preservação e conservação de documentos. Um dos temas importantes foi a partilha de experiência sobre o papel dos arquivos nacionais na gestão de arquivos na administração pública. O representante do AHM, salienta que o Arquivo Militar tem neste momento informatizada toda a documentação sobre Moçambique e manifestou disponibilidade para uma futura parceria para partilha de documentos.

O próximo encontro do Fórum (VI Reunião) ficou agendado para 2011 em Cabo Verde.



Instalações do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Entrada principal)

Links do Arquivo Histórico de Moçambique

<http://www.uem.mz/> <http://www.aluka.org> <http://www.ica.org/>

<http://www.unesco.org> <http://www.unesco.org> <http://memorias-africa.ua.pt/>

Torre de Tombo
<http://antt.dgarq.gov.pt>

Seminário dedicado aos desafios da gestão arquivística na era digital

Teve lugar aos 11 de Dezembro de 2009, um seminário alusivo as comemorações do septuagésimo quinto aniversário do Arquivo Histórico de Moçambique no anfiteatro do Museu de História Natural, do qual o enfoque caracterizou-se em torno dos desafios da gestão arquivística na era digital em comemoração ao seu septuagésimo quinto aniversário de existência como instituição arquivística de âmbito nacional.

Microfil e a digitalização de Documentos em Moçambique

Pedro Guedes debruçou-se sobre a empresa Microfil e a digitalização de documentos em Moçambique e refere que, a Microfil Moçambique S.A. é uma sociedade Moçambicana de direito privado, e é parte integrante da estratégia de internacionalização da Microfil – Tecnologias de Informação, S.A., instituição dotada de uma infra-estrutura de produção que assegura o processamento de grandes volumes de documentação, com recursos adequados para o desenvolvimento da sua actividade. Os métodos,

procedimentos, equipamentos e materiais utilizados para a prestação de serviços de digitalização obedecem rigor e respeito pelas normas internacionais que regulam os procedimentos de reprodução documental.

- Salvaguarda da integridade intelectual e física das unidades arquivísticas e dos documentos originais;
- Rapidez e segurança de execução;
- Fidelidade das reproduções digitais em relação aos respectivos originais;
- Obtenção de elevados níveis de segurança e durabilidade quer dos novos suportes digitais, quer no grau de legibilidade das imagens nele inscritas;
- Compatibilidade tecnológica e funcional absolutas, designadamente ao nível dos equipamentos e Microfil Moçambique para serem tratadas de acordo com cada uma das fases seguintes do processo.
- Os lotes a digitalizar são identificados com uma folha de rosto

Pedro Guedes acrescenta que a Microfil garante no processo de captura da imagem, a estabilidade, evitando ao máximo os efeitos nefastos da incidência de luz e calor do arrasto e que as imagens são digitalizadas a cores e em formato JPG.



Pedro Guedes

“O CONTROLO DA CIRCULAÇÃO E RECUPERAÇÃO DOS DOCUMENTOS NOS ARQUIVOS MUNICIPAIS.”

Cristina Manguela na sua dissertação sobre “O Controlo da Circulação e Recuperação dos Documentos nos Arquivos Municipais” referir que trata-se de um estudo que tem como objectivo conciliar aspectos da Arquivística à Boa Administração através da gestão dos documentos com enfoque no controlo do ciclo, da tramitação, da recuperação dos documentos e a legislação nos arquivos municipais em Moçambique no período 1933-2007. O estudo foi realizado em três universos: municípios de Maputo, da Beira e de Quelimane, em que se confirma que os instrumentos de controlo utilizados na circulação e recuperação dos documentos contribuem para uma boa governação, garantindo a transparência dos actos administrativos e a salvaguarda



Cristina Manguela

dos direitos dos cidadãos. Mostra-se que

nunca se deve prescindir quer das actividades que delineiam os macro e micro processos nas instituições quer da definição prévia dos percursos documentais, da regulamentação dos procedimentos, da utilização de técnicas que permitam a recuperação dos documentos e da informação; Mostra-se igualmente a importância da formação e do conhecimento dos procedimentos pelos funcionários dos escalões autorizados a realizar, pareceres e despachos, da determinação das formas do controlo documental e da garantia no cumprimento dos prazos estabelecidos para cada percurso e, finalmente, a necessária observância prática da legislação criada para esse efeito.

O GOVERNO ELECTRÓNICO EM MOÇAMBIQUE: UMA REFLEXÃO SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS DE INFORMAÇÃO

RAFAEL SIMONE NHARRELUGA examina a dimensão política, social e técnico-científica da informação



Rafael Nharreluga

governamental, no quadro do projeto de governo electrónico em Moçambique, como base para a governação e o uso social da informação. O estudo articula-se a partir de uma fundamentação teórica que exprime a relação entre Estado e informação e adopta a definição de Estado como relação e como campo informativo. A dimensão teórica do Estado entrecruza-se com a abordagem das políticas públicas de informação e sugere contornos à noção de governo electrónico tanto em seu argumento de mediação de relações entre o Estado e a sociedade civil, quanto em seu contexto histórico atrelado ao discurso da sociedade de informação. Apresenta um quadro conceptual da informação e da política de informação, destacando as condições em que esta se pode desenvolver. Discute a noção de sociedade da informação da qual se distinguem duas correntes de pensamento e analisam-se as suas implicações em relação à área da informação e ao processo da construção da política de informação. Sob esta representação teórica, analisam-se os programas governamentais que moldaram o processo da construção e reforma do Estado e sociedade

moçambicanos pós 1975, priorizando os programas do período 2000-2005 que referenciam o projecto de governo electrónico em Moçambique. A análise destes programas baseou-se em aspectos de mediação informacional que geralmente resultam de dispositivos institucionais para sustentar e sendo sustentados pelas relações entre o Estado e a sociedade civil, e buscava compreender a configuração da informação o governamental, bem como a existência ou não de momentos de formulação e implementação de políticas públicas de informação em tais programas. Os resultados apontam uma fragilidade da dimensão sócio-profissional da informação e a ausência de um projecto de construção do Estado e do projecto de governo

electrónico em Moçambique. Palavras-Chave: Políticas públicas de informação; informação governamental; governo eletrônico; Moçambique.

Transição para suportes digitais: um adeus ao primitivo?

Moisés Xadreqe Chongo no âmbito da “Transição para suportes digitais: um adeus ao primitivo”, refere à desenfadada tendência global, que se tem traduzido na



Moisés Chongo

emigração e transferência de suportes de informação, na tentativa de procurar garantir sua segurança e preservação tem levantado muitas questões sobre sua longevidade nos seus novos suportes hospedeiros, ainda que seja estimado o tempo de vida que estes últimos possam garantir, na prática esse tempo nem sequer passou. O desenvolvimento de softwares para a gestão de base de dados, numa determinada era e para determinados sistemas operacionais vs o rápido desenvolvimento tecnológico, vem criando grandes transtornos que resultam na incompatibilidade de novos sistemas operacionais interagirem com aqueles softwares. Que dizer dos suportes primitivos? As últimas conferências e seminários nacionais e internacionais dos últimos anos indicam que a maior avalanche parece ser de criar dispositivos de maior capacidade e criar novas formas de armazenamento, do que manter-se no desenvolvimento de dispositivos anti-pestes, para papel e combate ao síndrome de vinagre nos filmes, restauração de documentos em papel, etc



Alguns suportes digitais

“Carta aos documentalistas vindouros”



António Sopa

António Sopa (Investigador), na sua carta aos documentalistas vindouros, chama atenção aos mesmos no âmbito da adesão à profissão por amor e maior sentido de responsabilidade no que concerne à preservação e tratamento documental. O investigador sustenta que os vindouros estes, deverão manter o respeito às técnicas e os métodos necessários que integram um conjunto de princípios na área documental.

Projecto de Manuscritos Árabes do Norte de Moçambique

Chapane Mutinua debruça-se sobre o Projecto de Manuscritos Árabes do Norte de Moçambique. Sustenta que o projecto



Chapane Mutinua

foi financiado pela Embaixada Real da Noruega e pela UNESCO e, levado a cabo por um grupo de investigadores do

Arquivo Histórico de Moçambique liderados pela Prof. Doutora Liazzat Bonate, e coordenação do Prof. Doutor Joel das Neves Tembe.

O objectivo da pesquisa consistia em coleccionar, catalogar, digitalizar e publicar as cartas escritas em língua suahíli, com recurso ao alfabeto árabe, conservadas na colecção dos Fundos do Século XIX do AHM, remetidas pelos shaykhs e régulos da região costeira do norte do país aos oficiais da administração colonial portuguesa, entre os anos 1850 e 1900, com o propósito de mostrar o seu valor académico-científico e

cultural, e chamar a atenção para a necessidade de um projecto mais amplo. É nesta perspectiva que foram analisadas 103 caixas do fundo ora mencionado, resultando na localização de 682, sendo

114 do então distrito de Moçambique e 568 do distrito de Cabo Delgado, das quais foram seleccionadas 60 cartas das duas regiões que foram lidas, traduzidas e transcritas com a ajuda do Shaykh Abu Dale. Destes trabalhos, além do valor histórico, cultural e académico, constataram-se outros aspectos importantes, tais como a estrutura, escrita e pronúncia das palavras, mistura de línguas ou empréstimo de palavras e outras.

Quanto a estrutura das cartas destacam-se dois estilos frequentes, o estilo de introdução linear e o de introdução piramidal. Na introdução linear as palavras introdutórias são dispostas em linha horizontal, da direita para esquerda enquanto que na piramidal a disposição das palavras forma uma pirâmide. Em ambos os estilos nota-se a ênfase da pessoa do destinatário, com o uso em simultâneo, quase que constante, das palavras al-‘aziz, al-akram, al-mukarram, al-ahasham, al-muhashim, al-muhibu. Muitas vezes a introdução termina com a expressão hadahullahu ta‘ala, mas alihandulillahi rab‘bili ‘alamina é também usada. Um outro aspecto importante a notar é a diferença entre a pronúncia e escrita de algumas palavras.

O Arquivo Histórico participa nas festividades dos 122 anos da cidade de Maputo

No âmbito das comemorações dos 122 anos da cidade de Maputo, o Município de Maputo, organizou aos 10 de Novembro de 2009, vários eventos para celebrar a efeméride com os

municípios no espaço da Praça da Independência, o qual esteve apetrechado com todos os meios para a realização da actividade.

Uma exposição venda bibliográfica onde o Arquivo Histórico de Moçambique, expôs informação sobre o seu vasto acervo bibliográfico, documentação com valor informativo e probatório, obras de referência das quais citamos como exemplo, Etiópia oriental que é o livro mais antigo da Biblioteca, dissertações em matéria arquivística,



catálogos, folhetos, guias de museus, obras que versam diversos assuntos sobre a História de Moçambique e diversos. Na oportunidade o AHM vendeu as suas publicações, interagiu com o público, particularmente estudantes, e com outras instituições participantes.



Livros em exposição

AHM é uma instituição com desafios a seguir

– investigador Aurélio Rocha

O historiador Aurélio Rocha foi um assíduo visitante dos ficheiros do Arquivo Histórico de Moçambique (AHM). Os seus escritos sobre alguns períodos da História do nosso país foram produzidos a partir de dados guardados na nossa instituição. Rocha é, por via dessa

disponíveis.

Rocha destaca excelentemente o trabalho do sucessor de Lobato, Maria Inês Nogueira da Costa, que contou com o apoio de investigadores que começaram a trabalhar no arquivo, casos de Manuel Lemos e

Neves Tembe, é o herdeiro de desafios que têm de ser continuados e outros introduzidos. É o caso da conservação da documentação, que Aurélio Rocha aponta como algo que deve ser feito com o máximo de urgência, pois caso não, a mesma será irreversível futuramente.

Há – conforme sustenta a fonte – uma necessidade imediata de construir um edifício de raiz, que seria uma instalação própria para o arquivo. “É importante saber como é que países como Portugal, França, EUA e África do Sul construíram os seus arquivos para sabermos como faremos os nossos, uma vez que eles têm arquivos de referência. Portugal tem o Arquivo de Lisboa (Torre de Tombo) e ao visita-lo podemos ver a importância que se dá aos arquivos. A organização destes arquivos foi o reflexo de muita investigação o que se traduz pela parte da informação que já se encontra disponível ao público”, sustenta.

Para Aurélio Rocha, os investigadores, intelectuais, governantes é que são responsáveis pelo desenvolvimento cultural da nação. Cita os Ministérios da Educação, Justiça e da Planificação e Desenvolvimento como alguns dos que mais preocupação deviam ter em desenvolver parcerias com o AHM, já que ele pode dispor de muita informação de que estas instituições necessitam no dia-a-dia.

Este investigador opina que a situação actual do AHM pode afastar os pesquisadores, uma vez que, dada a falta de instalações condignas, a documentação corre o risco de desaparecer.



Aurélio Rocha

interacção, um profundo conhecedor da nossa casa, pelo que a sua opinião sobre o funcionamento do AHM é deveras importante.

Numa conversa com o “Biarquivo”, Aurélio Rocha enaltece a qualidade do AHM primeiro pelo trabalho das diferentes personalidades que o vêm dirigindo ao longo do tempo. Segundo ele, se o nosso arquivo oferece os serviços de que necessitam os pesquisadores e outro público que nos visita diariamente, tal deve-se ao trabalho de grande qualidade que vem sendo desenvolvido por homens e mulheres como Alexandre Lobato, que dirigiu o AHM até à independência, mais ou menos na transição para a independência do país.

Foi Lobato, segundo a nossa fonte, quem começou o processo da organização da documentação do AHM, que antes estavam em péssimas condições. Também começou a preocupar-se com o apetrecho da instituição com quadros capazes de garantir os serviços de um arquivo histórico, na altura pouco

António Sopa.

O actual timoneiro do AHM, Joel das

Ilustres que usaram o nosso arquivo

Vários investigadores passaram pelo arquivo histórico e pronunciaram-se sobre a utilidade dos serviços prestados pelo AHM. Queremos aqui recordar alguns, cujo trabalho se veio notar como de referência no estudo e ensino da História de Moçambique a vários níveis.

O investigador Mário de Andrade, um dos fundadores MPLA, o Movimento de Libertação e hoje partido no poder em Angola, esteve no AHM em duas ou três ocasiões e, nessa época, nos anos 1960/70, referiu-se a ele como o mais bem organizado arquivo das ex-colónias portuguesas.

O historiador Soares Martins (mais conhecido como José Capela) foi também segundo Aurélio Rocha um

dos utilizadores frequentes do AHM, o qual desenvolveu pesquisas sobre tráfico de escravos e parte significativa da sua obra foi produzida com base em dados por nós conservados.

O historiador Allen Isaacman (norte-americano), visitou também muitas vezes o AHM. Malyn Newit e René Pellisier são outros ilustres cujos nomes podem ser adicionados a estes, tendo inclusive deixado heranças sobre as suas investigações.

Para além destes, muitos outros ilustres do mundo – e muitos moçambicanos, claro – consultaram documentação diversa existente no Arquivo Histórico de Moçambique, que preserva toda a História do país.